

Inconfiabilidade de um e despreparo de outro

O senador José Richa, um dos principais dirigentes do PSDB, não confia pessoalmente em Fernando Collor de Mello. "Não acredito na sua capacidade de executar um projeto de fortalecimento da democracia", disse para justificar sua resistência em apoiar o candidato do PRN a presidente da República. Lembrou Richa que há dois anos já pensava da mesma maneira e foi por isso que vetou o ingresso de Collor no partido que então estava formando, juntamente com os senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso e outros políticos progressistas. "Para mim", disse, "em política como em tudo o mais a firmeza é uma qualidade fundamental. Sempre fui firme nas minhas posições, ainda quando exercia cargos no Executivo e não no Legislativo, o que é mais difícil. Fui firme em apoiar o movimento de Ulysses quando prefeito de Londrina e em participar da campanha das diretas quando governador do Paraná". E a Collor, a seu ver, falta firmeza. Ele mudou muito, mudou da Arena-PDS para o PMDB, daí para o PRN e quis entrar no PSDB.



Exclui portanto a hipótese de apoio a quem "não tem autoridade política para sustentar uma proposta", mas nem por isso dá como certa a ida do seu partido para a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva. O apoio ao candidato do PT e da Frente Brasil Popular está pendente da negociação em torno de programa. Entende Richa que o PT disputou no primeiro turno com um programa e com ele conquistou o direito de ir ao segundo turno. Já agora, no entanto, para tentar aglutinar a maioria do eleitorado, terá de rever seu programa para ajustá-lo ao de partidos que poderão se tornar seus aliados. Os pontos de desencontro estão bem definidos. O PT de Lula deverá dizer se prefere manter sua proposta do primeiro turno, e aí continuará sozinho, ou se prefere abrir para uma proposta mais abrangente e assegurar composição de forças progressistas que o ajudem a disputar com possibilidade de êxito o segundo turno. "Espero que possa ir com Lula, mas será com firmeza que defenderemos nossos compromissos programáticos".

Nessas opiniões do senador estão identificados os principais problemas dos dois candidatos. O principal problema de Collor junto ao eleitorado mais qualificado que se identifica com projetos como o do PSDB, com os quais em substância está também afinado, é de credibilidade. É muito comum nessa faixa por assim dizer esclarecida de eleitores ouvir-se: "Collor, não. Não se examina seu programa mas rejeita-se a pessoa atingida por uma suspeição de oportunismo e pouca seriedade, em parte construída pela mídia esquerdista, em parte decorrente da sua inesperada e surpreendente carreira política." Fernando Collor de Mello, pelo menos para efeito de opinião difundida nas elites intelectuais, enfrenta um déficit de credibilidade que pode não afetar sua elegibilidade, mas afeta seu conceito e poderá amargurar seus primeiros tempos de governo.

Já Luís Inácio Lula da Silva, para superar a nitida vantagem do seu contendor, já detectada pelas primeiras pesquisas de preferência de votos, terá de enfrentar a imagem de radicalismo e despreparo que o acompanha. Quem o conhece sabe que ele tem enfrentado internamente no seu partido e na sua frente as frações mais radicais dos que o apoiam. No PT e na Frente Brasil ele é um moderado, mas é sempre um líder fiel às suas bases. Neste momento, ou ele quebra o monolitismo da sua proposta de tratamento da dívida externa, de reforma agrária, de expansão do poder econômico do Estado, ou terá dificuldades de ampliar seu eleitorado e tornar-se uma alternativa eleitoralmente viável da esquerda para enfrentar a direita. Ele poderá ter êxito em fixar essa dicotomia esquerda-direita, que acode à imaginação e ao romantismo da juventude, da universidade, de artistas e intelectuais, mas não romperá, com essa simples colocação, as defesas de uma ordem econômica que se mobiliza para se autopreservar, aparentemente com o apoio dos comandos econômicos e da tecnocracia longamente instalada no poder.

A dicotomia, hoje, será menos esquerda-direita do que modernização-retrocesso e entre nós a esquerda ainda não dá sinais de ter atingido os níveis de modernização do seu pensamento e das suas técnicas de gestão dos negócios públicos alcançados pelo socialismo europeu. O PSDB e Collor estão mais próximos disso que o PT e Lula, e por aí se agravará a perplexidade de uma opinião inclinada emocionalmente a votar num candidato de esquerda mas sem argumentos adequados para justificar racionalmente esse voto. A inconfiabilidade de Collor e a incompetência da esquerda, hoje representada pela figura por todos os motivos emblemática de um torneiro mecânico, podem se tornar a razão secreta da decisão ostensiva do eleitorado, a qual no momento favorece Collor. Lula aprendeu que pesquisas indicam realidades que podem ser alteradas, como aconteceu no seu caso, mas não descartadas por inverídicas, como aconteceu no caso de Brizola.

Jamil e Moreira Franco

O senador Jamil Haddad foi mal interpretado quando, respondendo a um repórter, disse que subir ou não ao palanque de Lula era um problema do governador Moreira Franco, a quem jamais vetaria. Apesar das divergências, ambos se dão bem.

Carlos Castello Branco